

DOAÇÃO

EQUIPE DO BALEIA,
à frente Jucélia
Schittini: importância
de ajudar o
próximo



Esperança e dor

Equipes correm contra o tempo para captar órgãos e salvar a vida de pacientes, enquanto lidam com o momento difícil de quem perdeu um parente

HOSPITAL DA BALEIA

- Realiza transplantes de rins **desde 2002**
- Até o momento, **58 procedimentos foram executados**
- Somente este ano, foram **oito transplantes**
- Atualmente, todos os transplantes são feitos **via SUS**

Ser ou não ser doador de órgãos e tecidos. Essa é uma decisão pessoal, que tem de ser manifestada à família, independentemente de qual seja. Mas, principalmente, se a opção é pela doação porque, pela legislação brasileira, se um membro de até segundo grau, da família do paciente apto a doar se opor, a doação não pode ser realizada, mesmo contrariando a vontade de quem queria ser doador. Segundo a Associação Brasileira de Transplantes de Órgãos (Abto), 47% das famílias de pacientes que tiveram morte encefálica no Brasil se recusaram a fazer a doação, em 2013. O total é 5 pontos percentuais acima dos 42% de negativas do ano anterior.

Mas esse é apenas um dos lados da história das doações de órgãos e tecidos. Na outra ponta, estão os pacientes, agarrados à esperança de encontrar um doador compatível, lutando contra os males de sua doença e o tempo, contando os milésimos de segundos para que chegue sua vez na fila de transplantes, que parece nunca ter fim. Entre os familiares dos potenciais doadores e dos pacientes que aguardam ansiosamente o transplante, estão os profissionais que compõem as Comissões Intra-Hospitalares de Doação de Órgãos e Tecidos para Transplantes (Cihdott). São médicos, enfermeiros, psicólogos, assistentes sociais que fazem a abordagem aos parentes de pacientes com morte encefálica e por parada do coração para saber se os familiares são favoráveis à doação dos órgãos.

O trabalho é árduo e difícil, pois esses profissionais que correm contra o tempo, já que existe prazo para que os órgãos sejam retirados, ainda têm de abordar os familiares que acabaram de perder uma pessoa querida e precisam decidir em pou-

MARIA INÊS
BOTELHO :
"A recusa é
angustiante"



HOSPITAL UNIVERSITÁRIO SÃO JOSÉ

- Início dos transplantes:
junho de 2008
- Número de transplantes: **378**
- Todos os procedimentos
são feitos **via SUS**

cas horas sobre a doação ou não de seus órgãos. O momento é ambíguo: de dor e de esperança. E é com essas sensações que trabalham as equipes das Cihdotts: respeitando a dor de quem perde um ente querido e alimentando a esperança de quem espera a decisão da família para fazer andar a fila dos transplantes. A equipe da Cihdott entra em ação quando os médicos diagnosticam a morte encefálica ou por parada do coração, após a realização de uma série de exames no paciente.

“Por mais que seja difícil naquele momento, temos de mostrar para a família a importância de se ajudar o próximo. Conversamos com os familiares, explicamos que, apesar de estarem perdendo um ente querido, poderão trazer felicidade para outra família ao doar os órgãos. Quando surge dúvida sobre a doação, damos um tempo para a família pensar. Argumentamos de todas as formas sobre a importância, mas sem impor a doação, que não pode ser forçada”,

explica a coordenadora da Cihdott do Hospital da Baleia, Jucélia Schittini. Segundo ela, a ocorrência maior de doações no hospital, em função de suas características, é de córneas. O procedimento padrão em todos os hospitais é que, em caso de autorização da família, a equipe do MG Transplante é imediatamente acionada para que faça a retirada dos órgãos.

Em todos os casos de morte encefálica no Hospital da Baleia, os familiares foram favoráveis à doação. Mas já houve recusa de córneas. São vários os fatores que levam os familiares a optarem pela não doação dos órgãos. Algumas são por questões religiosas, outras, por medo de que o corpo fique mutilado. Há ainda, os que temem a demora da liberação do corpo para se cumprir o ritual do velório e enterro. Esse é o principal argumento utilizado por familiares de pacientes que negaram a doação de seus órgãos no Hospital das Clínicas, segundo a coordenadora da Cihdott do HC, a médica Mariana Benevides Paiva Machado, que comanda a equipe desde dezembro de 2012. “A liberação do corpo, quando não há doação, ocorre imediatamente ▶

Fotos: Pedro Vilela/Agência i7



TIAGO GARCIA E Cristiano Azevedo: é tão doloroso para a família que vai doar quanto para quem está na fila

HOSPITAL FELÍCIO ROCHO

- Início dos transplantes: 1976
- Número de transplantes em 2013: 150, a maioria, de rins [118]
- O hospital prepara unidade para transplantes de medula óssea

nador da Cihdott do Hospital Felício Rocho, Tiago Garcia, que está há um ano e meio à frente da comissão. Ele conta que, como o momento é muito delicado, a abordagem aos familiares do potencial doador tem de ser feita no momento certo para não gerar conflito na família ou até mesmo gerar a recusa precoce. “Se a família estiver muito abalada, nem é feita a abordagem. Se houver conflito entre os membros, a doação não é realizada, mesmo que seja vontade da maioria”, pondera o enfermeiro Cristiano Melo de Azevedo, da Cihdott do Felício Rocho. “Às vezes, para a família que vai doar é tão doloroso quanto para quem está sofrendo na fila de transplante.”

Apesar de reconhecer a importância dos órgãos para quem deles necessita para sobreviver, o coordenador da Cihdott do Felício Rocho conta que só se sente frustrado quando ocorre a recusa da doação por causa da abordagem feita de forma inadequada. “Já trabalhei com pessoas que precisam dos órgãos e sei da importância da doação, para estes pacientes. Apesar de a recusa cortar o coração, não podemos interferir na decisão da família. A recusa não pode ser tomada como um fracasso do trabalho realizado, mas como uma questão de decisão familiar. Temos de ter tranquilidade e saber que estamos fazendo o melhor possível”, opina Mariana Machado. Segundo a coordenadora da Cihdott do Hospital Universitário São José, a médica Maria Inês Botelho Pereira, que está na comissão desde 2006, é impossível,

após o óbito. Quando há retirada dos órgãos, demora, em média, 12 horas. No caso de doar apenas as córneas, o prazo é bem menor porque, no máximo 6 horas após a morte, elas têm de ser retiradas”, explica a médica do HC. “É um momento muito doloroso para a família entender o que aconteceu, principalmente quando o pa-

ciente é jovem”, reconhece Mariana.

Há o receio de familiares, no caso de morte encefálica, de que o paciente, que ainda tem o coração batendo, volte à vida. “Mas não existe nenhum registro de alguma pessoa com diagnóstico neurológico de morte encefálica que tenha revertido esse quadro”, tranquiliza o coorde-

mesmo tendo experiência na área, não ser tocado quando a família opta pela não doação. “A recusa é angustiante porque a gente pensa em quem está na fila de espera. Uma doação poderia ajudar duas pessoas”, lamenta, referindo-se às córneas.

De acordo com Maria Inês, há falta de conhecimento prévio sobre doações de órgãos no Brasil. Por isso, um dos desafios, segundo Mariana Machado, é fazer com que as famílias entendam a morte encefálica. “Se não entendem, a possibilidade de doação dos órgãos é menor”, explica Mariana Machado. A forma de se aumentar a doação de órgãos é por meio da informação para que todas as dúvidas sobre os procedimentos sejam esclarecidas. “Há falhas nas campanhas de divulgação. Penso que uma forma de esclarecer melhor e conscientizar as pessoas seria trabalhar o tema nas escolas, em todos os níveis de ensino”, pondera Maria Inês. A médica esclarece que no caso de doação, principalmente das córneas, antes da retirada do globo ocular, os profissionais observam a anatomia do paciente para que sua fisionomia para não alterá-la.

Para as equipes das Cihdotts o que não faltam são histórias emocionantes. Algumas com final feliz e outras, nem tanto. “Tínhamos um caso da opção pela não doação das córneas de um paciente. Na abordagem, a enfermeira, que o havia atendido argumentou com sua filha que, como ele era uma pessoa muito boa, certamente doaria suas córneas. A moça pensou a respeito e autorizou a doação”, comemora Maria Inês. Um caso que marcou a coordenadora da Cihdott do HC foi o de pais que perderam uma garotinha de 4 anos, que sofreu derrame. “Ela teve morte encefálica, mas os pais decidiram não fazer a doação porque não sabiam como explicariam isso para o irmão da garota”, relembra

MARIANA MACHADO:
“A recusa não pode
ser tomada como
fracasso”



HOSPITAL DAS CLÍNICAS

- Em 2013, houve **25 diagnósticos** de morte encefálica
- Dos elegíveis, **6 pacientes** tiveram os órgãos doados
- Os demais **o coração parou antes** da realização dos testes
- Os procedimentos são **feitos pelo SUS**

» DOAÇÃO

Casos passíveis de doação:

Morte encefálica e por parada do coração, desde que o paciente não apresente nenhum problema que comprometa os órgãos

6

HORAS

Prazo para retirada das córneas: no máximo, após o óbito

24 A 48

HORAS

Prazo para retirada dos múltiplos órgãos: após a confirmação da morte encefálica, pois o doador não é mantido apto por muito tempo

PRAZOS DE LIBERAÇÃO DO CORPO

Córneas:

3

HORAS

Doação múltipla de órgãos:

12 A 18

HORAS

Cihdott

- As Comissões Intra-Hospitalares de Doação de Órgãos e Tecidos para Transplante foram regulamentadas pela Portaria 905/GM/MS, em 16 de agosto de 2000
- É uma equipe multidisciplinar formada por médicos, enfermeiros, psicólogos, assistentes sociais, entre outros profissionais

Mariana Machado.

Desde 2009 à frente da Cihdott do Hospital da Baleia, Jucélia Schitini conta que o desespero de uma mãe, ao saber da morte encefálica do filho de 21 anos, vítima de acidente, a marcou muito. “Quando ela foi avisada que o filho teve morte encefálica, disse: ‘moça, ele não está morto, está vivo. Olha para você ver como ele está quentinho’”, recorda Jucélia. O médico Tiago Garcia lembra que o contato com a família é a parte mais tocante de toda a história para os profissionais que lidam com a abordagem aos familiares, principalmente quando se trata de criança, com quem a relação de afetividade é diferente. “Após um acidente, a menina de 5 anos teve morte encefálica e a família estava decidida a não doar seus órgãos. A mãe foi para casa e, mexendo nos objetos da garotinha, encontrou um desenho que ela havia feito na escola, em que estava ladeada por quatro pessoas. Após ver o desenho a mãe o interpretou como mensagem da filha para que seus órgãos fossem doados. Curiosamente, o número de pessoas, que estavam com ela na foto, foi beneficiado com os dois rins, o fígado e o coração”, se emociona o médico. São atitudes assim que alimentam a esperança de viver de quem aguarda na fila de transplantes. 